

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: TRABALHANDO COM AS POTENCIALIDADES, INCLUSÃO SOCIAL E ESCOLAR

AUTISM SPECTRUM DISORDER: WORKING WITH POTENTIALITIES, SOCIAL AND SCHOOL INCLUSION

Recebido em: 10/05/2025

Aceito em: 30/08/2025

Publicado em: 30/09/2025

Verônica Van Dijk Kawagushi¹ 
Universidade Paulista Campus Assis

Lisienne Navarro² 
Universidade Paulista Campus Assis

Resumo: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um quadro que causa prejuízos sociais e escolares e é imprescindível destacar que a escola é o ambiente mediador da família e sociedade e é através dela que as mudanças sociais são possíveis. Esse trabalho tem como objetivo identificar as principais dificuldades de pessoas com TEA, no que concerne à inclusão social e escolar. Serão realizadas investigações bibliográficas e entrevistas semiestruturadas. Concluiu-se que a escola está defasada e precisa de melhorias.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro do Autismo; Inclusão Social; Inclusão Escolar; Capacitação de Professores e Transformação Social.

Abstract: Autism Spectrum Disorder (ASD) is a condition that leads to social and academic deficits. It is essential to emphasize that the school serves as a mediator between the family and society, acting as a catalyst for social change. This study aims to identify the primary challenges faced by individuals with ASD concerning social and academic inclusion. The methodology will involve a literature review and semi-structured interviews. The findings suggest that the current school system is inadequate and requires significant improvements.

Keywords: Autism Spectrum Disorder; Social Inclusion; School Inclusion; Teacher Training; Social Transformation.

INTRODUÇÃO

A origem do termo “autismo” e das discussões sobre ele, tem como marco o ano de 1911 pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler, que descreveu a situação de fuga da realidade, de pacientes esquizofrênicos, para um mundo interior (Marfinati; Abrão, 2014, p. 9). Logo tivemos a publicação, em 1943, de uma pesquisa realizada pelo psiquiatra Leo Kanner, sobre a observação de 11 crianças que permaneceram em isolamento extremo desde o nascimento e tinham a obsessão de conservar objetos no mesmo lugar e não aceitavam mudanças na rotina, na obra *Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo*. A partir de seus estudos com crianças com o transtorno, Kanner refutou a ideia antes proposta a qual apontava os pais como os principais

¹ Discente do Curso Superior de Psicologia do Instituto de Ciências Humanas Universidade Paulista Campus Assis e-mail: veronica.kawagushi@aluno.unip.br

² Doutora, docente do Curso Superior de Psicologia do Instituto de Ciências Humanas Universidade Paulista Campus Assis. Doutora em Psicologia da Educação. e-mail: lisienne.silva@docente.unip.br

causadores do autismo nos filhos e concluiu que se tratava de uma síndrome rara com características muito únicas como, isolamento social, comportamentos excessivamente repetitivos e atraso no desenvolvimento da linguagem.

A identificação do transtorno pode também ser atribuída ao médico austríaco Hans Asperger: em 1944, publicou um artigo descrevendo sintomas parecidos com aqueles estudados por Leo Kanner, ressaltando que acontecia com um índice maior no sexo masculino, mas com alta habilidade em falar sobre um determinado tema. Esse estudo tomou força em 1980, quando obteve o reconhecimento da academia. E é devido a esta heterogeneidade de características que, hoje, o termo mais aceito é “espectro autista”, pois este engloba todo e qualquer sintoma apresentado por aqueles que possuem TEA.

No caminho de inserir a criança socialmente encontramos a família como a primeira instituição a fazer esse trabalho, entretanto é na escola que a criança irá se desenvolver, no sentido amplo da palavra (social, emocional e psicologicamente). Assim, escola e o ambiente familiar devem estar conectados, para que esse caminho seja percorrido da melhor maneira possível. Todavia, os processos utilizados para a aprendizagem na instituição escolar devem ser apresentados aos pais, possibilitando a estes dar continuidade em casa e auxiliar no processo educativo.

Segundo Sígilia Pimentel Höher Camargo e Cleonice Alves Bosa (2009), para que o isolamento de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo seja impedido, é necessário proporcionar oportunidades para que elas convivam com outras crianças da mesma faixa etária, estimulando a capacidade interativa. Recomenda-se que tais crianças frequentem o ensino, mas vale ressaltar: as instituições escolares devem proporcionar cursos de capacitação para os professores, a fim de que estes estejam mais aptos para receber alunos com TEA, transformando a experiência escolar em algo positivo, ademais, possibilita que tais crianças levem os ensinamentos aprendidos para vida.

Contudo, observa-se a defasagem do cenário escolar em termos de desenvolvimento das competências e habilidades dos profissionais da educação e da equipe escolar. Dito isso, o objetivo dessa pesquisa é identificar as necessidades do aluno com Transtorno do Espectro Autista - TEA, visando a melhoria das mesmas e o desenvolvimento de uma discussão acerca da importância da inclusão social e escolar.

As perguntas norteadoras da pesquisa foram: como a escola pode ajudar na inclusão social e quais melhorias são necessárias para que isto aconteça? A hipótese levantada diz respeito à falta de conhecimento dos funcionários da instituição escolar sobre o tema, a falta de

preparo da sociedade para uma inclusão efetiva e a escassez de cursos capacitores para docentes. Cabe à escola, em nosso entendimento, proporcionar um ambiente adequado, com materiais apropriados e profissionais capacitados.

Para responder tais perguntas, foram feitas investigações bibliográficas em livros e artigos na internet, além de pesquisas com os professores e responsáveis por crianças com Transtorno do Espectro Autista - TEA. Os principais autores deram base a essa pesquisa foram: Eugênio Cunha (2022), Francisco B. Assumpção Jr. (2000), Ana Cristina M. Pimentel (2000) e Vygotsky (1987).

Os objetivos gerais da pesquisa giraram em torno de identificar as principais dificuldades de pessoas com Transtorno do Espectro Autista, no que concerne à inclusão social e escolar e propor resoluções de fácil acesso a estes. Já os objetivos específicos foram: mostrar a importância da realização de cursos e capacitações para professores e desenvolver a discussão a respeito da necessidade da inclusão escolar como primeira instância para o desenvolvimento pessoal de crianças com TEA.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O tema a ser estudado possui grande importância para futuras melhorias no âmbito pedagógico. Dessa forma, a metodologia escolhida contribui para ampliar a visão acerca do assunto e disponibilizar embasamento teórico para futuros estudos, haja vista que houve a utilização de questionários online destinados aos responsáveis e professores de crianças com Transtorno do Espectro Autista. Os participantes foram professores de rede pública ou privada, de qualquer idade, gênero ou raça e que ministra aulas em salas com um aluno que possua Transtorno do Espectro Autista. E responsáveis de crianças com TEA sem qualquer restrição de idade, gênero ou raça.

À princípio para a realização do estudo, será utilizada a Pesquisa Bibliográfica através de livros e artigos na internet, objetivando uma melhor compreensão e produção do projeto. O passo seguinte foi a elaboração de um questionário online, no qual para os professores foram entregues um questionário com 15 questões, incluindo dados pessoais (nome, idade, escolaridade) e questões voltadas para uma análise da formação pessoal, análise da condição de trabalho e sua prática cotidiana. E para os cuidadores o questionário contou com 14 questões abertas, incluindo dados pessoais, data do recebimento do laudo, reação, dificuldades encontradas na educação e na inclusão. Ambos foram colocados numa rede de profissionais, na qual uma fonoaudióloga e alguns professores se dispuseram a ajudar na divulgação.

DESENVOLVIMENTO

O Transtorno do Espectro Autista é reconhecido como um espectro e o termo utilizado refere-se à enorme abrangência que o transtorno traz, haja vista que não é possível descrever todos os indivíduos com TEA da mesma forma. Sendo assim seu tratamento também deve ser específico e feito por profissionais capacitados. Segundo a Classificação Internacional de Doenças - 11 (CID - 11), devido à sua abrangência, os sintomas do Transtorno do Espectro Autista podem ser vistos já na primeira infância, porém o diagnóstico ainda leva tempo para ser realizado. Atualmente, o DSM-5 descreve as características centrais do transtorno em dois âmbitos, a comunicação social e os comportamentos, além de aconselhar médicos a utilizarem uma tabela com três níveis de severidade, com o objetivo de diagnosticar o grau de apoio necessário em cada caso. Recentemente têm-se observado certo aumento nos casos de TEA e isso se deve à melhoria de instrumentos que diagnósticos, aumento de centro de referências e um maior conhecimento por parte da população.

Considerando sua etiologia, o TEA possui aspectos genéticos e ambientais e os atuais estudos ressaltam alguns fatores que podem influenciar na causa do transtorno, dentre elas as idades avançadas dos pais, complicações no parto, uso de ácido valproico (remédio utilizado para tratamento de Transtorno Bipolar, epilepsia e enxaqueca) e principalmente a associação com outras condições genéticas ou cromossômicas (Schmidt, 2017, p. 226). Da última característica, destaca-se a síndrome do X-Frágil:

trata-se de uma repetição exagerada de um grupo de bases nitrogenadas presentes no cromossomo X, essa repetição leva a uma hipermetilação que impede a formação de uma proteína essencial para a manutenção do sistema nervoso (Bosso; Coutinho, 2010, p. 13).

Desse modo, faz-se necessária a investigação da síndrome em casos de TEA. E assim sendo, é possível observar que ainda não há uma conclusão definitiva acerca da origem do Transtorno do Espectro Autista, contudo diversos estudos estão por vir e a causa possui mais notoriedade hoje do que antigamente.

Em relação aos níveis de suporte é possível observar que alguns sintomas estão presentes em todas as classificações como estereotípias, ecolalia, inflexibilidade na mudança de rotina, dificuldade na socialização e entre outras, dessa forma, é necessária a realização de vários testes avaliativos para definir se de fato há o Transtorno Autístico e qual o seu respectivo grau. Há também a possibilidade da evolução de um nível para o outro, todavia, não existe cura

para o Transtorno do Espectro Autista visto que é um Transtorno do Neurodesenvolvimento. Essa possibilidade de evolução é possível através de um trabalho multidisciplinar em conjunto com a escola e a família.

A linguagem é outro aspecto importante no desenvolvimento de alunos com TEA. De acordo com Vygotsky (1987), essa é um meio de comunicação social que tem como base os hábitos sociais da cultura que o indivíduo nasceu, além de possuir papel fundamental na formação do pensamento e do caráter da criança. Para ele, o significado das palavras, portanto, proporciona a mediação entre indivíduo e mundo e é quando fala e pensamento se unem, formando a comunicação. Para a maioria das crianças com o Transtorno, o discurso muitas vezes é não funcional, isto é, por mais que apresentem frases complexas, elas são sem sentido para o contexto da conversa, ademais, juntamente com essa fala sem significado, há a presença da ecolalia, que “consiste em uma repetição mecânica, ou seja, as crianças com TEA ouvem as palavras e as repetem constantemente, sem que tenham relação com o contexto no qual estão inseridas naquele momento” (Silva, 2020, p. 182). Essas características, no entanto, podem e devem ser tratadas com o objetivo de fortalecer a autonomia e independência de tais crianças, algumas técnicas como, dar função à fala da criança, fazer perguntas com mais de uma opção de resposta e o uso de brinquedos, histórias e músicas que estimulem o falar são eficazes, afinal, a comunicação é um dos principais pilares para o desenvolvimento humano e para o fortalecimento de relações sociais.

A família é a instituição que agrega valores, moralidades e princípios na personalidade das crianças, possuindo assim papel fundamental na formação do caráter dessas. Para Vigotsky (1997), o núcleo familiar é o primeiro espaço de socialização de uma criança, tornando-se assim um meio de construção de personalidade através da inserção num determinado âmbito cultural, entendendo cultura da forma de um “grupo cultural como fornecendo ao indivíduo um ambiente estruturado, onde todos os elementos são carregados de significado”. (Oliveira, 1997, p. 37). A educação inclusiva vai muito além das paredes das escolas e deve valorizar a individualidade de cada ser, e para que isto aconteça, é necessário que escola, família e psicólogo estejam alinhados em prol do desenvolvimento dos alunos.

Na maior parte dos casos, os familiares possuem diversas dúvidas acerca do Transtorno, impossibilitando-os de ajudar da forma correta o aluno, dessa forma, a escola, juntamente com o psicólogo, pode e deve oferecer o apoio necessário a esses pais. O profissional de psicologia, de acordo com o Conselho Regional de Psicologia do Paraná:

[...] desenvolve, apoia e promove a utilização de instrumental adequado para o melhor aproveitamento acadêmico do aluno a fim de que este se torne um cidadão que contribua produtivamente para a sociedade. [...] Para isto, o psicólogo escolar desenvolve atividades direcionadas com alunos, professores e funcionários e atua em parceria com a coordenação da escola, familiares e profissionais que acompanham os alunos fora do ambiente escolar (CRP - PR, 2007).

Assim sendo, o psicólogo escolar, além de ser um agente de mudança no meio que trabalha, também possui a função de orientar os cuidadores responsáveis pela criança. O objetivo é o de tirar suas dúvidas, encaminhar para instituições com atendimento multidisciplinar e explicar a importância da continuação do trabalho dentro de casa, visto que, para crianças com Transtorno do Espectro Autista, a rotina é indispensável.

Ao falar sobre inclusão é preciso ter um olhar crítico e histórico, hoje os direitos como saúde, passe livre em transportes, inserção no mercado de trabalho e fornecimento gratuito de medicamento são garantidos, todavia, nem sempre foi assim. A conquista de tais direitos é proveniente de um movimento árduo e demorado, com a participação principalmente de pais, que lutaram e ainda lutam para a promoção da igualdade e inclusão. Foi a partir da criação de instituições como Associação de Amigos do Autista (AMA) que a pressão popular foi crescendo e os pais começaram a ser ouvidos, dessa forma, não é possível falar de inclusão sem citar a luta dos cuidadores no processo. Para melhor entendimento dos aspectos jurídicos, faz-se necessário um breve histórico legal acerca dos direitos garantidos à pessoas com Transtorno do Espectro Autista.

A Constituição Federal Brasileira foi promulgada no dia 5 de outubro de 1988, e com ela, o direito à igualdade foi garantido. Contudo, foi somente em 2012 que a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Lei nº 12.764) foi criada com o objetivo de assegurar alguns direitos às pessoas com o Transtorno, como acesso ao mercado de trabalho, acompanhante especializado, uso do Plano Educacional Individualizado e atendimento multiprofissional (Brasil, 2012). Já em 2015, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, (nº 13.146), mais conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, foi instituída com o objetivo de garantir o direito à igualdade. Esta Lei é “destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania” (Brasil, 2015). No município de São Paulo, a Lei Romeo Mion, n 13.977, foi promulgada em 2020 visando a ampliação dos direitos de pessoas com TEA e a criação da Carteira de Identificação

da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (CIPTEA), com expedição gratuita e válida em todo país (Brasil, 2020).

Promover a integração social consiste na inserção na comunidade de grupos de indivíduos que ao longo da história foram deixados de lado nesse processo, bem como aqueles que se encontram em condições de vulnerabilidade socioeconômica. Dessa forma, quando falamos sobre inclusão, estamos em consonância com a Declaração Universal dos Direitos Humanos e com a Constituição Federal de 1988, que defendem direitos que devem ser garantidos a todos, sem exceção. É importante ressaltar, ainda: sociedades com elevados níveis de exclusão social também enfrentam diversos outros desafios, tais como o crescimento da criminalidade, índices de pobreza e obstáculos ao progresso.

A escola inclusiva é uma proposta atual na melhoria da educação para todos. Se fundamenta em valores que visam estimular a aceitação das diferenças de cada indivíduo, reconhecer a importância de cada um, fomentar o trabalho em equipe e estimular a convivência com a pluralidade de seres humanos.

A educação inclusiva é a responsável por incluir todos os alunos no ambiente escolar, buscando valorizar as diferenças e entender a necessidade de cada um individualmente, para que assim o professor consiga analisar cada dificuldade e barreira que seu aluno tenha para ter sua formação plena (Gasparelo *et al.*, 2019, p. 162).

Fica claro, portanto, que a inclusão não só é necessária, como é crucial para o desenvolvimento da criança, afinal a escola é a mediadora entre indivíduo e sociedade. Ela não deve ser falada apenas para os alunos com Transtorno do Espectro Autista, pois é necessário conhecimentos de todos sobre os efeitos de uma boa inserção na sociedade para que não haja uma diferenciação entre os indivíduos no âmbito escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a obtenção dos resultados foram realizados dois questionários online, um para os cuidadores de crianças com Transtorno do Espectro Autista e outro para os professores. Ambos foram colocados numa rede de profissionais, na qual uma fonoaudióloga e alguns professores se dispuseram a ajudar na divulgação. Sendo assim, para que haja uma melhor compreensão, os resultados serão apresentados em duas categorias: Questionário para os cuidadores e Questionário para os professores.

QUESTIONÁRIO PARA OS CUIDADORES

O questionário para cuidadores teve como objetivo analisar a visão desses em relação à escola, já o questionário para professores buscou expor a visão dos professores acerca das adversidades encontradas. Para a realização da pesquisa, as perguntas foram elaboradas de forma que pudessem trazer as questões mais urgentes acerca da inclusão e suas dificuldades, para que dessa forma, uma reflexão em busca de melhorias no âmbito escolar fosse instigada.

A maior parte dos pais alegou que as escolas não oferecem o apoio que o aluno necessita e que os professores não são capacitados para lidar com uma criança com o transtorno, segundo a responsável S.C.: “Poucos profissionais têm a formação adequada para elaborar um PEI de verdade, e a quantidade de alunos por sala é muito grande, dificultando a atenção da criança que já não gosta de barulho e agitação”. Desse modo, ouvir a demanda dos cuidadores se mostrou de extrema importância, uma vez que eles são os principais responsáveis pelas crianças e os que mais sentem a falta de zelo das escolas.

Outra questão abordada foi a respeito do nível de preparação das escolas para receber um aluno com TEA. A maioria relata que a escola não está habilitada para tais alunos, segundo a responsável S.C.: “Não, poucos profissionais têm a formação adequada para elaborar um PEI de verdade, e a quantidade de alunos por sala é muito grande, dificultando a atenção da criança que já não gosta de barulho e agitação”. Tal alegação revela a importância da contratação de mais profissionais capacitados para que todas as demandas sejam atendidas, haja vista que a grande quantidade de alunos em sala de aula também é um fator que influencia na aprendizagem.

Ao serem questionados sobre o que a instituição poderia melhorar, algumas respostas obtidas foram: “Gostaria que todas as crianças fossem tratadas de forma diferente, com tratamento diferenciado e dignidade. Mais atenção da parte da escola ajudando nas dificuldades de cada um, contratando e treinamento pessoas para dar qualidade de vida para essas crianças enquanto está na escola” (cuidador H.G.), “Mais capacitações para docentes e mais funcionários para auxiliar os alunos autistas” (cuidador M.A.) e “A criação de salas com número de alunos reduzido, um olhar específico para cada aluno e um plano de como é a melhor maneira de ajudar essa criança a aprender de maneira produtiva” (cuidador S.C.).

Em suma, ouvir a demanda dos cuidadores se mostrou de extrema importância, uma vez que eles são os principais responsáveis pelas crianças e os que mais sentem a falta de zelo das escolas. Ao observar as respostas do questionário, ficou claro que a necessidade de contratar professores capacitados e promover a conscientização, é crucial para que uma boa inclusão

escolar e social seja proporcionada a todos aqueles que dela necessitam, ademais, incluir garante um bom funcionamento moral da sociedade, afinal excluir indivíduos por serem diferentes já não deve ser mais aceito.

QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES

O questionário para professores buscou expor a visão dos professores que dão aula para alunos que possuem Transtorno do Espectro Autista, para isso foram realizadas perguntas que pudessem trazer as questões mais urgentes acerca da inclusão e suas dificuldades, para que dessa forma, uma reflexão em busca de melhorias no âmbito escolar fosse instigada. As principais demandas analisadas dizem respeito à grande quantidade de alunos dentro da sala de aula, inexistência de uma equipe multidisciplinar, escassez de formações continuadas e falta de apoio vindo da escola.

A importância de discussões acerca do transtorno fica ainda mais nítida ao observar a realidade das escolas atualmente, na qual educadores estão despreparados e não possuem o conhecimento necessário para estar em sala de aula com um aluno que possua TEA. Assim, apesar de existir essa falha na grade curricular das universidades, a instituição escolar também deve ser responsável por oferecer cursos de capacitação para tais profissionais, visando um aprendizado para todos os alunos. A instituição escolar ainda requer muitas mudanças para que seja um ambiente inclusivo, de acordo com o professor G.M.: “Na verdade é o professor que busca alternativas, meios de conseguir incluir e trabalhar com o aluno, não temos formação e preparo por parte da instituição”.

Fica claro que a formação contínua para profissionais da educação é primordial para que a inclusão aconteça, afinal é preciso conhecer o assunto para ter domínio sobre ele e quebrar os paradigmas ainda existentes na sociedade. Outra questão levantada diz respeito à grande quantidade de alunos em sala de aula. O docente T.B. relatou o seguinte:

é difícil quando o aluno não possui um professor auxiliar para acompanhar. O aluno autista demanda acompanhamento e em salas de aula com mais de 40 alunos fica muito difícil dar essa atenção. É ainda mais difícil, quando não sabemos o grau do autismo do aluno e não temos formação de educação especial para saber lidar com o aluno na sala de aula e na adaptação curricular. Então trabalhamos sempre na forma de tentativa e erro (T.B. 2025).

Essa demanda foge do controle dos professores e até mesmo da escola, entretanto há alternativas que podem ser utilizadas para minimizar os danos causados, como por exemplo a contratação de mais professores auxiliares para estar em sala e a divisão de funções. A equipe

multidisciplinar torna-se então de extrema importância, haja vista que profissionais de várias áreas são importantes para um bom funcionamento escolar, ao se ter uma equipe com professores, psicólogos, diretores e fonoaudiólogos o caminho para a autonomia e a inclusão torna-se mais fácil.

No fim do questionário os entrevistados responderam uma pergunta a qual eles deveriam colocar a opinião deles sobre o ensino ideal para alunos com Transtorno do Espectro Autista. Algumas respostas obtidas foram as seguintes:

A forma de ensino que desenvolva a autonomia, para que esse aluno esteja preparado para ter uma carreira profissional, sendo o que ele quiser ser. E não mantendo presos com P.A e cuidadores que cortam toda a autonomia e colocam em um lugar de incapaz. A formação ideal é aquela que luta contra o capacitismo (professor A.B., 2025).

O professor R.B ressaltou: “Seria através do PEI (Plano de Ensino Individualizado), eu acredito que cada indivíduo é único e que todos têm potencial para o aprendizado, cabe a nós professores adaptar o conteúdo a necessidade de cada aluno” (professor R.B.). O professor C.R. complementou, dizendo: “aprimorar o atendimento para que as necessidades específicas dos indivíduos sejam atendidas de forma abrangente, contemplando aspectos pedagógicos, sociais e emocionais, com flexibilidade de horários e carga horária personalizada” (professor C.R.).

À princípio, os resultados esperados visavam demonstrar a importância do conhecimento da educação de crianças com Transtorno do Espectro Autista, a fim de transformar o ambiente escolar, além de levar os professores e as instituições escolares a pensarem sobre como a inclusão escolar proporciona um desenvolvimento pessoal necessário para uma boa inserção na sociedade. Devido à mudança inesperada da amostra, pode-se dizer que os objetivos foram parcialmente atendidos, haja vista que não foi possível realizar a pesquisa com os participantes inicialmente escolhidos, todavia a reflexão teórica e prática não foi prejudicada, afinal ainda foi possível ouvir cuidadores e professores de crianças com TEA e analisar quais eram as demandas mais urgentes.

Na análise das respostas foi possível observar a necessidade da escola de evoluir em vários aspectos, como capacitação e apoio aos professores, melhorias no entendimento sobre o TEA e uso de uma equipe multidisciplinar. Tais progressos são cruciais para uma boa inclusão, afinal a instituição escolar é um meio de promover a conscientização e de formar indivíduos sem preconceitos e empáticos com o próximo. É na escola que a semente da mudança é plantada

e desenvolvida, para que na sociedade, essas crianças possam prosperar e instigar a mudança a todo momento, gerando assim um grupo social coeso e livre de prejulgamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa é de suma importância para um melhor entendimento acerca dos impasses ainda existentes na inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista. No decorrer da pesquisa foi possível perceber que, apesar do número de discussões relacionadas ao tema terem aumentado, o assunto ainda requer muita reflexão e estudo e psicólogos tornam-se então, essenciais na propagação de mais informações referentes à uma inclusão efetiva, visando gerar indivíduos mais conscientes na sociedade. Isto posto, pretendo continuar minha formação buscando sempre aumentar meu conhecimento acerca do assunto, para poder escrever artigos instigadores de reflexão e conscientização.

Ao longo da pesquisa ficou perceptível como o professor é a figura central no processo de aprendizado e inclusão da criança, por ser o detentor do conhecimento naquele momento, o docente deve amar o que faz, além de estar disposto a se aperfeiçoar constantemente. Segundo Cunha (2022, p. 10), “o aluno não pode mais ser excluído da construção da sua aprendizagem, pois aprende nas suas trocas no mundo afetivo e social [...]”. Nessa fala fica claro que a criança deve ser a principal peça para a obtenção do conhecimento, então ao excluir um aluno das interações socioafetivas, sua educação fica prejudicada. É preciso atenção da escola nesse processo, incluindo o aluno em todas as atividades e fazendo as adaptações necessárias.

Sob esse viés, é imprescindível destacar: a escola é o ambiente mediador da família e sociedade e é através dela que as mudanças sociais são possíveis. À vista disso, é crucial uma formação continuada dos docentes, a fim de aprimorar cada vez mais o cenário escolar e garantir que todos tenham o acesso à uma educação de qualidade. Não somente os professores, mas a equipe que rege a escola também precisa estar em consonância com as demandas que os cuidadores trazem, sejam elas em relação à vida cotidiana escolar ou alguma dificuldade em certas matérias. É dever da instituição escolar proporcionar um ambiente inclusivo e acolhedor, que não exclua nenhuma criança pelas suas dificuldades, afinal é a partir da inclusão escolar que a inclusão social é possível.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ASSUMPÇÃO JR, Francisco B.; PIMENTEL, Ana Cristina M. Autismo infantil. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 22, p. 37-39, 2000.

BARBOSA, Vânia Benvenuti; CARVALHO, Marcos Pavani de. **Conhecimentos necessários para elaborar o Plano Educacional Individualizado - PEI**. Rio Pomba: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais, 2019.

BIALER, Marina; VOLTOLINI, Rinaldo. Autismo: história de um quadro e o quadro de uma história. **Psicologia em Estudo**, v. 27, p. e45865, 2022.

BIGI, Marissa De Pietro. **De mãos dadas com as crianças autistas: A inclusão no ensino regular**. 2018. Monografia (Especialização) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2018.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 23 fev. 2024.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 28 dez. 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm. Acesso em: 23 fev. 2024.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 23 fev. 2024.

CAMARGO, Sígla Pimentel Höher; BOSA, Cleonice Alves. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, p. 65-74, 2009.

CAMPOS, Rodrigo Carneiro de. **Transtorno do Espectro Autista – TEA**. Sessões Clínicas em Rede - Atualização Técnica. Abril de 2019.

CASSINS, Ana Maria et al. **Manual de Psicologia Escolar/Educacional**. Curitiba: Conselho Regional de Psicologia do Paraná, 2007. (Coletânea ConexãoPsi).

COUTINHO, J. V. S. C.; BOSSO, Rosa Maria do Vale. Autismo e genética: uma revisão de literatura. **Revista Científica do ITPAC**, v. 8, n. 1, p. 1-14, 2015.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. Rio de Janeiro: Wak, 2019.

DALLA VECCHIA, Christiane Cordeiro Silvestre; VESTENA, Carla Luciane Blum. **Práticas Pedagógicas no ensino de crianças com autismo: uma inclusão possível**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, 2018.

DE MOURA EVÊNCIO, Kátia Maria; FERNANDES, George Pimentel. História do Autismo: Compreensões Iniciais/The History of Autism: Initial Understandings. **Revista de Psicologia**, v. 13, n. 47, p. 133-138, 2019.

FERNANDES, Conceição Santos; TOMAZELLI, Jeane; GIRIANELLI, Vania Reis. Diagnóstico de autismo no século XXI: evolução dos domínios nas categorizações nosológicas. **Psicologia USP**, v. 31, 2020.

GRIESI-OLIVEIRA, Karina; SERTIÉ, Andréa Laurato. Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético. **Einstein (São Paulo)**, v. 15, p. 233-238, 2017.

GUEDES, Nelzira Prestes da Silva; TADA, Iracema Neno Cecilio. A produção científica brasileira sobre autismo na psicologia e na educação. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 31, p. 303-309, 2015.

GUIMARÃES, Viviani Pereira Amanajás; MACHADO, Veruska Ribeiro. O Plano Educacional Individualizado (PEI) como ferramenta de inclusão dos estudantes com autismo na educação profissional. **Caderno Pedagógico**, v. 21, n. 1, p. 2072-2097, 2024.

HARDER, Bianca; GRACHEKI, Bianca Renata; PIECZARKA, Thiciane. A mediação de Vygotsky exercida pelo professor de apoio de estudantes autistas. **Revista Cóginito**, v. 2, n. 2, p. 263-279, 2020.

LEMO, Emellyne Lima de Medeiros Dias; SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro; AGRIPINO-RAMOS, Cibele Shírley. Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre interações sociais no contexto escolar. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 20, p. 117-130, 2014.

Medicine: Frosted Children. **Time Magazine**. 1948. Disponível em: <https://content.time.com/time/subscriber/article/0,33009,798484,00.html>. Acesso em: 20 out. 2023.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Integração x Inclusão: Escola (de qualidade) para Todos**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diversidade-LEPED/UNICAMP, 1993.

MARFINATI, Anahi Canguçu; ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. Um percurso pela psiquiatria infantil: dos antecedentes históricos à origem do conceito de autismo. **Estilos da Clínica**, v. 19, n. 2, p. 244-262, 2014.

MENESES, Elieuzza Andrade et al. Transtorno do espectro autista (TEA) e a linguagem: a importância de desenvolver a comunicação. **Revista Psicologia & Saberes**, v. 9, n. 18, p. 174-188, 2020.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1995.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **CID 11 – Classificação De Transtornos Mentais e de Comportamento: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas**. 2022. Disponível em: <https://icd.who.int/browse11>. Acesso em: 16 ago. 2023.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE (OPAS). **Transtorno do espectro autista**. [s.d.]. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/transtorno-do-espectro-autista>. Acesso em: 20 jul. 2023.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Autismo, linguagem e educação**: interação social no cotidiano escolar. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

OWEN-DESHRYVER, Jamie S. et al. Promoting social interactions between students with autism spectrum disorders and their peers in inclusive school settings. **Focus on Autism and other developmental disabilities**, v. 23, n. 1, p. 15-28, 2008.

QUEIROZ, Maria Conceição Cordeiro et al. **O psicólogo escolar como mediador no processo de aprendizagem das crianças autistas**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Faculdade Regional de Tecnologia e Ciências, Salvador, 2017.

RAPIN, Isabelle; GOLDMAN, Sylvie. The Brazilian CARS: a standardized screening tool for autism. **Jornal de Pediatria**, v. 84, p. 473-475, 2008.

RUBLECKI, A. F. **A caminho da escola...: um estudo sobre a educação integrada de crianças com autismo e psicose infantil**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

SANTOS, C.; SANTOS, Herica Carmen dos; SANTANA, Maria Jussara. O processo de aprendizagem de crianças autistas. **Revista de Educação**, v. 20, p. 22, 2016.

SCHMIDT, Carlo. Transtorno do espectro autista: onde estamos e para onde vamos. **Psicologia em Estudo**, v. 22, n. 2, p. 221-230, 2017.

SELLA, Ana Carolina; RIBEIRO, Daniela Mendonça. **Análise do comportamento aplicada ao transtorno do espectro autista**. Curitiba: Appris, 2018.

SOUZA, Thaís Teixeira de et al. **O papel da família na educação inclusiva**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Central de Anápolis, 2022.

TEODORO, Grazielle Cristina; GODINHO, Máira Cássia Santos; HACHIMINE, Aparecida Helena Ferreira. A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Fundamental. **Research, Society and Development**, v. 1, n. 2, p. 127-143, 2016.

VIANA, Meire Nunes; FRANCISCHINI, Rosângela. **Psicologia escolar**: que fazer é esse? Florianópolis: UFSC, 2016.

VIGOTSKY, Lev Semenovitch et al. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.